

«O objetivo não é seduzir os jovens
à custa da essência do Evangelho de Jesus»



JMJ [Jornada Mundial da Juventude],
Woodstock católico
ou festa da fé?

«No Panamá, Francisco e a sua primavera continua a cativar os jovens e a enviá-los para as ‘periferias existenciais’».

De pequena festa de crentes a grande encontro planetário. As **Jornadas Mundiais da Juventude**, iniciadas em Roma em 1986, foram crescendo como um gigante, até se tronarem numa espécie de “**Woodstock católico**”, para uns, e em “**multitudinária festa da fé**”, para outros. Sempre no limite entre o humano e o divino, entre Deus e a “rave party”, entre a espetacularização da fé e o encontro íntimo com Cristo.

Trata-se de um risco para o qual já advertia, há uns anos, o cardeal hondurenho **Oscar Andrés Rodríguez Maradiaga**: “As Jornadas Mundiais da Juventude não são um Woodstock católico sem drogas nem álcool, como há quem diga, mas um testemunho do Espírito Santo”.

É por isso que o Papa, no seu multitudinário encontro com os jovens, ontem, na faixa costeira da cidade do Panamá, quis deixar bem claro que o seu objetivo para recuperar os jovens (tão afastados de uma instituição que, apesar das Jornadas Mundiais da Juventude, não os soube cativar), **não é uma Igreja “cool”**, capaz de atrair milhares de pessoas apenas com cânticos, música e fogo de artifício.

Porque para Francisco uma coisa é organizar movimentações, conquistar a rua para Deus e semear esperança e compromisso evangélico no coração audaz dos jovens, e outra é **transformar a Igreja numa entidade organizadora de eventos de multidões**, com os quais nem os Jogos Olímpicos podem competir.

O objetivo não é seduzir os jovens à custa da essência do Evangelho de Jesus. **Não se trata de lhes apresentar uma Igreja “divertida” ou “mais decorativa”, para os atrair e fazer com que voltem ao redil eclesial. É que as doutrinas mudam e têm de adequar-se aos tempos (algo que os jovens também desejam), mas a radicalidade do seguimento de Jesus continua a ser a mesma.**

É que o ato de crer não consiste em submeter a mente e a vontade ao que dizem os padres, nem sequer ao que dizem os bispos e os papas. A fé não é a verdade pregada, interpretada e ensinada pela hierarquia (embora também o seja). Uma fé autêntica e sedutora para a juventude do século XXI, passa por libertar o Evangelho de ser um mero instrumento litúrgico, para o converter, como diz o teólogo **José María Castillo** (no seu novo livro

El Evangelio marginado, publicado por Desclée) “num **projeto de vida** que nos indique como viver o seguimento de Jesus”.

Porque, como já pretendia o célebre teólogo alemão **D. Bonhoeffer**, “um cristianismo sem seguimento é um cristianismo sem Jesus o Cristo; uma mera ideia, um mito”.

Foi com esta proposta evangélica que o Papa convidou, uma vez mais, os jovens a **agarrarem-se a Cristo**, e os bispos de todo o mundo (falava para os que estavam ali presentes) a saírem da sua torre de marfim, assentarem os pés na realidade, a aproximarem-se dos jovens, a compartilharem as suas vidas e a oferecerem-lhes uma nova esperança.

“Arranquem-nos da rua antes que a cultura da morte, oferecendo-lhes vaidades e soluções mágicas, se apodere e aproveite da sua imaginação”, insistiu Francisco. A fim de que prelados e jovens possam **dancar, de novo juntos, a “rumba” da vida**, baseada na cultura do encontro e no seguimento das pegadas do Nazareno.

É essa, também, a receita que nos oferecem, ou a tendência que caracteriza as Jornadas Mundiais da Juventude. Uma igreja envelhecida, sobretudo na secularizada Europa, pretendeu, pela mão do **papa Wojtyla**, recuperar a juventude para a causa de Cristo. Foi sempre esse o principal objetivo. E para o conseguir, fez-se uma sábia mistura, com aquela sabedoria que apenas uma instituição bimilenária como a Igreja católica possui, de festa e oração, de sacro e de profano. Uma sensata combinação de tradição (missa, via sacra, confissão, a adoração eucarística, vigílias de oração), com todos os recursos do espetáculo moderno: concertos, peças de teatro, encenações e até *flashmob*.

Os jovens sempre ansiosos por viajar e conhecer o mundo, encontram-se com colegas de outras latitudes raças e culturas e, unidos, partilham entre si o prazer da fé, que é o que mais os une, para lá de qualquer outra diferença. E, ao fazê-lo, robustecem e confirmam a sua fé. **E sentem o orgulho de a compartilharem.**

No Panamá, Francisco e a sua primavera continua a cativá-los e a enviá-los para as “periferias existenciais”, a fim de darem um testemunho simples e próximo do Deus da esperança e de uma Igreja samaritana e misericordiosa, sempre atenta aos mais pobres. **Do Panamá ao céu.**

JOSÉ MANUEL VIDAL, (enviado especial ao Panamá), 25 de janeiro de 2019

<https://www.periodistadigital.com/religion/opinion/2019/01/25/religion-iglesia-opinion-america-vidal-jmj-woodstock-catolico-o-fiesta-de-la-fe-papa-francisco-juventud-evangelio-vida-fe-dios-jesucristo.shtml>

é urgente que a Igreja analise este assunto a fundo e sem medo
«a lei do celibato não tem fundamento bíblico»



mulheres e casados podem aceder ao sacerdócio

O concílio Vaticano I, no terceiro capítulo da Constituição dogmática *Dei Filius* (1870), definiu que “se deve crer, com fé divina e católica, em tudo o que está contido na palavra de Deus escrita e na Tradição (*in verbo Dei scripto vel tradito continentur*), e que nos é proposto pela Igreja como divinamente revelado” (Denzinger – Hünermann, nº 3011).

Qualquer afirmação (ou qualquer prática) que não entre no conteúdo desta afirmação dogmática, **pode ser modificada pela autoridade suprema da Igreja**. Quanto às verdades ou atividades que se justificam pelo chamado “Magistério Ordinário Universal” da Igreja, deve ter-se cuidado, e não lhes conceder **um valor absoluto e intocável**, já que, como se sabe, e só para dar um exemplo, **durante séculos se pensou ser uma verdade de fé o sol girar à volta da terra, chegando-se, até, ao exagero de condenar Galileu quando afirmou o contrário. E hoje sabe-se que era ele que tinha razão.**

Um dos grandes problemas da Igreja na atualidade, no que se refere às “**verdades da fé**”, é poder haver (e às vezes há) factos “históricos” ou “sociológicos” a que se atribui um “valor dogmático”. Sucede exatamente isto quando nos interrogamos sobre se as mulheres ou as pessoas casadas poderão aceder ao sacerdócio.

Quanto às mulheres, na Antiguidade não tinham os mesmos direitos que os homens. Por isso não podiam ser testemunhas oficiais de nada. Nem tomar decisões sobre outros. Nem sobre si próprias (J. Jeremias, “*Jerusalém no tempo de Jesus*”, Madrid 1977, pp. 371-387). Logicamente, em tais condições, não podiam exercer cargos de responsabilidade em instituições públicas. Hoje em dia, **a situação social e legal da mulher é completamente diferente**. E, em qualquer circunstância, o que nunca se pode fazer é transformar em revelação divina o que não passa de uma situação social já superada. A Igreja não terá credibilidade, enquanto continuar a

manter a desigualdade da mulher no que toca à dignidade e aos direitos em relação ao homem.



Visita do Papa a um grupo de
padres casados

Quanto às pessoas casadas, **o Evangelho não impõe nenhuma obrigação no que respeita ao celibato**. Por outro lado, o apóstolo

Paulo disse que era um direito dos apóstolos viver e viajar com uma mulher cristã, como sucedia com Pedro e os com os parentes do Senhor (1 Cor 9, 5). Aos sacerdotes começou a ser imposta continência nos começos do séc. IV, no concílio de Elvira (Granada). E a lei do celibato foi sendo imposta, progressivamente, ao longo da Idade Média. Fixou-se como lei a partir do segundo concílio de Latrão (1138).

A lei do celibato não tem fundamento bíblico. Baseia-se, principalmente, nas ideias sobre o puritanismo, provenientes do estoicismo dos gregos do séc. V a. C. (E. R. Dodds).

Como justifica a Igreja o empenho em não alterar esta lei, quando há cada vez menos sacerdotes e, portanto, mais paróquias e comunidades que não podem manter uma vida cristã organizada e gerida como a própria Igreja impõe obrigatoriamente? **É urgente que a Igreja analise este assunto a fundo e sem medo.** A fim de encontrar uma solução a que os fiéis cristãos têm direito. A não ser assim, acabará por ter, necessariamente, de enfrentar um facto inevitável, que já existe na realidade: os **grupos de laicos que, clandestinamente, celebram a eucaristia sem sacerdote.**

Neste delicado assunto é importantíssimo ter presente que a doutrina da Sétima Sessão do Concílio de Trento sobre os sacramentos não contém definições dogmáticas. Sabemos, pelas Atas do Concílio, que os bispos e teólogos que tomaram decisões sobre os sacramentos, não chegaram a acordo num ponto fundamental: se condenavam como “heresias” ou repudiavam como “erros” as doutrinas e práticas que nesta Sétima Sessão rejeitaram. (Denz. -Hün., 1600-1630). Por conseguinte, **a Igreja pode e deve sentir-se livre para,** sobre sacramentos e liturgia, tomar as decisões que ela mesma julgar as mais urgentes e necessárias, no momento presente, para o maior bem espiritual e cristão dos fiéis.

JOSÉ MARIA CASTILLO
Teología sin Censura (27/06/2018)

completa reabilitação do teólogo José María Castillo e da sua obra



O papa dirigindo-se a José María Castillo: **“Leio com muito gosto os seus livros que fazem muito bem às pessoas.”**

Bergoglio convida a *Religión Digital* a **“continuar a apostar na renovação duma Igreja em saída.”**

(JOSÉ MANUEL VIDAL, Cidade do Vaticano). – Completa reabilitação do teólogo **JOSÉ MARÍA CASTILLO** e da sua obra. **“Leio com muito gosto os seus livros que fazem muito bem às pessoas.”** Com esta frase, Francisco **“abençoou”** o teólogo espanhol no Vaticano onde, há duas décadas, lhe retiraram a *venia docendi*. Além disso, convidou a *Religión Digital* a **“continuar a apostar na renovação duma Igreja em saída.”**

Castillo, emocionado até às lágrimas, agradeceu o gesto do papa, enquanto entregava a Francisco duas das suas últimas obras: *‘La humanización de Dios’* e *‘La humanidad de Jesús’* (Trotta).

Primeiro, assistiu-se à **missa em Santa Marta**. Simples, austera, autêntica. É a sua missa, que Francisco celebra com unção e intimismo. Como num sussurro. Como um pároco a celebrar na sua pequena capela.

Éramos cerca de trinta pessoas: um bispo italiano, acompanhado de oito dos seus sacerdotes, um par de sacerdotes isolados, entre os quais o pároco de Santo Estevão de Sevilha, o secretário do papa, o padre Yoannis, e uns vinte de fiéis de diversos países e procedências.

Com a sua habitual capacidade didática e de sedução, Francisco apresentou-nos, na homilia, em pouco mais de cinco minutos, um tratado sobre a forma de evangelizar hoje em dia. Com a ajuda do espírito e de três verbos: levantar-se, aproximar-se e partir das perguntas das pessoas. Três atitudes necessárias à evangelização, mas que a nada conduzirão, se não nos colocarmos nas mãos do Espírito

Após a missa, o papa sentou-se numa cadeira no meio das pessoas, e deteve-se em ação de graças por um bom bocado. Depois, como qualquer simples pároco, dirigiu-se para a saída da capela para saudar os assistentes um a um.



O papa tem José María Castillo em grande apreço e, de facto, durante estes seus anos de pontificado, começou por lhe enviar uma carta, tendo-lhe feito, depois, uma chamada telefónica. Hoje estiveram frente a frente, tendo-se saudado efusivamente; palavras de José María Castillo: **“Santidade, somos dois jesuítas sem papéis”**.

O papa sorriu e agradeceu o encontro. E, olhos nos olhos, recebeu os seus livros e **“abençoou”** a sua teologia. **“Leio com muito gosto os seus livros que fazem muito bem às pessoas”**, disse Francisco a Castillo

Mais tarde, o teólogo teve ocasião de se explicar: “Da Companhia, ou se sai por cima, como no caso do papa, ou por baixo, como no meu caso, mas em ambos os casos, somos e seremos sempre jesuítas ... mas agora sem papéis.”

Quando chegou a minha vez, nesta segunda oportunidade que se me oferecia de cumprimentar o papa, pensei que me iria afligir menos, mas senti o mesmo nervosismo que da primeira vez, e a mesma sensação de estar a assistir a um “kairos”, e à realização de um sonho.

Disse-lhe quem eu era, mostrei-lhe uma fotocópia de *Religión Digital* e outra do cabeçalho do site *“Pro Francisco”* que albergamos no nosso portal desde há três anos. Francisco colocou as suas mãos sobre as minhas e disse-me: **“Continuai a apostar na renovação de uma Igreja em saída”**.

Entreguei-lhe, depois, três tabletes de torrão de Alicante artesanal:

- *Santidade, trago-lhe aqui um pouco de torrão espanhol.*

- *Do que ajuda a emagrecer!?! – acrescentou Francisco*

- *Para que o prove e reparta com o seu secretário, o padre Yoannis, que foi quem nos enviou os convites para estarmos presentes nesta sua missa.*

Claro que repartirei com ele. Muito obrigado – respondeu o papa.

E o papa foi tomar o pequeno-almoço, enquanto Castillo, Margarida e eu nos juntávamos num abraço bem apertado, não sem antes agradecer ao padre Yoannis, por nos ter possibilitado este nosso encontro com Francisco.

Ao sair de Santa Marta, na esplanada que dá para as traseiras da Basílica de São Pedro, Castillo, ainda emocionado, dizia: **“Temos de tirar todo o partido deste papa que é uma bênção de Deus para a sua Igreja, e apoiá-lo com todas as nossas forças. Porque, ao fazê-lo, estamos a apoiar a Igreja do Vaticano II e, o que é mais importante ainda, o Reino de Deus”**. Assim o faremos, mestre. E parabéns!

In Memoriam (31/01/2019)

Maria Arminda (1945-2019)

[Na Mão de Deus, na sua mão direita,]

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depois do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lôbrega jornada,
Que a mãe leva ao colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Antero de Quental (1842-1891),
in "*Sonetos*".